

angústias ... Isso é a **comunicação**.

E, mais ainda do que tudo o que foi dito no parágrafo anterior: a comunicação é capaz também de fazer com que as pessoas sejam levadas a fazer aquilo que uma outra quer que elas façam, pelo poder do convencimento; que elas acreditem que estão querendo fazer alguma coisa, quando na verdade estão é fazendo o que o outro quer que elas façam. Daí o grande poder — e o grande risco — que o uso das palavras representa. E Cícero, como poucos outros na história da humanidade, soube tão bem usar esse poder, só interrompido com seu assassinato, em Fórmias, no ano 43 antes de Cristo.

Um homem vencido pela espada, poderá um dia se rebelar. Um homem vencido pela palavra, certamente tornar-se-á um aliado.

BIBLIOGRAFIA:

GAILLARD J. & MARTIN R. **Les Genres Littéraires à Rome**. Paris: Scodet, s/ data.

..... **Grande Enciclopédia Larousse Cultural**. São Paulo: Nova Cultura, 1998.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

FERREIRA, Antônio Gomes. **Dicionário de Latim Português**. Porto: Ed. Porto, 1998.

SARAIVA, F. R. dos Santos. **Dicionário Latino-Português**. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.

TORRINHA, Francisco. **Dicionário Latino Português**. Porto: Gráficos Reunidos, 1999.

MICHAUD, Guy. **Les Catilinaire de Cicéron**. França: Librairie Hachette, 1938.

GONÇALVES. Maximiano Augusto. **“Pro Archia” “Pro Marcello” “Pro Ligario”**. Rio de Janeiro: Antunes Editora, s/d.

GONÇALVES. Maximiano Augusto. **Tradução das Catilinárias de Cícero**. Rio de Janeiro: São José, 1964.

Temas característicos da poesia bucólica: O cenário e o amor.

Márcio Luiz Moitinha Ribeiro UERJ/ Seminário São José de Niterói

RESUMO:

Procuramos focalizar o cenário bucólico e o amor heterossexual e homossexual que fazem parte dos temas característicos da poesia pastoral já presentes em Teócrito na Grécia e em Virgílio em Roma. Apesar deste tipo de poesia ser uma criação dos helenos, Virgílio soube ser bastante original em suas *Bucólicas quanto à elaboração do* cenário romano e sobretudo mantuan; quanto à elaboração do amor entre pastores e pastoras romanos ou quanto à elaboração do amor não correspondido que faz com que o poeta ou o eu-lírico deseje a morte, ou se entregue ao “amor que vence todas as coisas”.

Palavras-chave: Teócrito, Virgílio, Bucolismo, Grécia e Roma

1. O cenário bucólico

Como informa Jean Bayet, (BAYET, 1965: 203) os temas preferidos de Virgílio são a análise psicológica da paixão, o que encontramos por exemplo na décima bucólica, as curiosidades da mitologia e da cosmogonia, patente na sexta, e, sobretudo, uma riquíssima aspiração à paz e ao repouso, presentes na vida bucólica e nos pastores.

Neste cenário bucólico, estão inseridos os pastores, o campo e os animais como analisaremos a seguir.

O pastor, na poesia virgiliana, está num lugar de felicidade, gozando o dia presente, enquanto tem essa oportunidade ou o vigor da juventude, pois a vida é efêmera.

Para passar o tempo e para mostrar quem era o melhor no canto e na poesia, enquanto cuidavam de seus animais, os pastores se dedicavam a disputas poéticas. O trecho seguinte nos mostra um encontro de pastores:

Forte subarguta consederat illice Daphnis,

compulerantque greges Corydon et Thyrsis in unum,

Thyrsis ouis, Corydon distentas lacte capellas,

ambo florentes aetatibus, Arcades ambo,

et cantare pares et respondere parati. (VII, 1-5)

“Casualmente, Dáfnis assentara-se sob uma sonora azinheira

e Coridão e Tírsis reuniram os seus rebanhos em um único lugar;

Tírsis reunira as ovelhas; Coridão as cabras cheias de leite,

ambos florescendo nas idades; ambos árcades,
não só semelhantes no cantar,
como também preparados para responder.”

Sabemos que Virgílio perdeu suas terras paternas. Mas, Asínio Polião, seu amigo e protetor, conseguiu obter para o poeta a manutenção da revogação da expropriação, intercedendo talvez diretamente junto a Otaviano, conforme nos informa Paratore (PARATORE, 1983: 379).

O eco destes acontecimentos ressoa na primeira bucólica na qual o relato dos pastores mostra o triste destino de muitos homens que eram obrigados a sair de suas terras, em oposição à alegria dos que eram poupados, como era o caso do pastor Títiro. Na verdade, Virgílio quer insistir sobretudo na dor e na miséria dos deserdados, representados na figura do pastor Melibeu.

Na primeira bucólica, há um colóquio entre dois pastores: Melibeu e Títiro. Percebemos, na fala de Melibeu, alusões ao campo e aos elementos da natureza, seja ela bruta ou modificada pelo homem. Em um mesmo trecho, ele se refere a uma árvore (*sub tegmine patulae fagi* (v.1) = “sob a sombra de uma copada faia”), ao campo (*nos patriae finis et dulcia linquimus arua* (v.3) = “nós deixamos as fronteiras e os agradáveis campos da pátria”) e à flauta rústica, feita de caniço (*tenui auena* (v.2) = “na tênue flauta pastoril”).

No discurso de Títiro, patente nos primeiros versos da primeira bucólica, vemos algumas referências aos animais e ao sacrifício a um Deus.

No cenário bucólico da poesia virgiliana, os elementos da natureza, como os animais, às vezes, estão descritos com subjetividade. É o que observamos na primeira bucólica da qual destacamos o fragmento a seguir em que há a presença desta intensa subjetividade e alusões aos elementos do campo, visto que Melibeu é obrigado a deixar as suas terras e seu rebanho que não está mais feliz, pois sente que seu querido pastor está prestes a retirar-se. Os novos donos são os ímpios soldados que se apossaram das terras tão estimadas de Melibeu e as repartem como espólios. Melibeu não sabe se um dia voltará. Vejamos, a seguir, os belíssimos versos 67-76:

**En unquam patrios longo post tempore finis,
pauperis et tuguri congestum caespitem culmen,
post aliquot, mea regna uident, mirabor aristas?
Impius haec tam culta noua iam miles habebit?
Barbarus has segetes? En quo discordia ciuis
produxit miseros! His nos conseuimus agros!
Insere nunc, Meliboe, puros, pone ordine uitis!
Ite meae, felix quondam pecus, ite, capellae:**

non ego uos posthac, uiridi proiectus in antro,
dumosa pendere procul de rupe uidebo;(I, 67 - 76)
“Acaso, algum dia, depois de longo tempo, admirarei as terras pátrias e o teto da minha pobre choupana, coberto de colmo, e depois de alguns meses, vendo os meus reinos, contemplarei as minhas espigas?
Um soldado ímpio possuirá estes campos tão cultivados?
Um bárbaro terá estas terras semeadas? Eis para onde a discórdia conduziu os cidadãos infelizes! Nós semeamos os campos para esses!
Enxerta, agora, Melibeu, as pereiras, põe, em ordem, as videiras!
Ide, minhas cabras, feliz rebanho, outrora:
daqui em diante, eu, estirado, num antro verdejante, não vos verei mais,
ao longe, suspensas, sobre uma rocha cheia de silvado”.

Títiro da primeira bucólica tem por papel manifestar, segundo Leclercq (LECLERCQ, 1994: 122-123), seu vivo reconhecimento a Otávio por suas *libertas*, direito novamente adquirido.

Melibeu nos surpreende porque mesmo exilado e condenado a morrer pelas estradas ou nas ruas de Roma, acometido de uma de suas maiores infelicidades, quase não se queixa. Ao contrário, Melibeu não cessa de se extasiar com a felicidade de Títiro. A atitude de Melibeu supõe um dom excepcional de desprendimento, de simpatia e de generosidade; apesar de seu sofrimento, Melibeu se deixa tomar pela felicidade do outro, sem a menor inveja, sem quase amargura. Melibeu, pastor despojado, encontra em si mesmo bastante ânimo para esquecer seu sofrimento na alegria de seu companheiro e na contemplação da natureza. É assim que Melibeu dá à obra inteira seu caráter espiritual.

Na terceira *bucólica*, encontramos a forma do drama, por causa da presença do diálogo. Há um contraste entre dois jovens pastores que cantam versos amebus e que disputam, cantando alternadamente de acordo com o assunto que é tratado.

Na quinta, Virgílio retoma o tema do pastor siciliano Dáfnis. Este é não só o símbolo da poesia bucólica, no âmbito do amor, como também o símbolo da poesia de natureza agreste, como força serenadora.

Na sétima, o contraste entre os pastores assume forma mais nítida, segundo Ettore Paratore (PARATORE, 1983: 378-9). Os *Boukóloi* (Βουκόλοι) da Arcádia

repõem, para Virgílio, toda a sua felicidade no seu tranqüilo recesso, longe das insídias do árduo verão e do frio inverno, símbolos do mundo cruel, no qual a humanidade sofre.

Enquanto os pastores da Arcádia cantam, todos os trabalhadores se agitam nos bastidores habilmente manejados pelo poeta: pequenos proprietários, peões de granja, escravos e libertos.

Para Brisson (BRISSESON, 1980, 101), os personagens pastores, que se movem no universo bucólico, são familiares e se encontram reunidos numa mesma região, a atividade poética é muito simples e natural com as suas ocupações rústicas que constituem o quadro convencional no qual vivem. Guillemain (GUILLEMIN, 1968: 57) comenta que, na sétima *bucólica*, os próprios bois vem beber água atravessando os pastos. Melibeu ao sentir o frio, vai cobrir seus mirtos para protegê-los; e Téstiles, na segunda, a pequena escrava, prepara alimentos para o almoço com ervas aromáticas e “moretum”.

As pequenas competições, presentes nas *Bucólicas*, evocam as atividades atléticas, imitadas da Grécia. Os concursos poéticos, em Virgílio, realizados pelos pastores, não são lutas destinadas a eliminar um concorrente; são apenas comparações fundadas sobre uma estima mútua na qual cada um põe um tema sem querer desdenhar o outro.

Virgílio faz desfilar os pastores, ora com suas ocupações, ora com suas improvisações no canto rústico.

Na oitava bucólica, depois de um proêmio grandiloqüente que celebra o triunfo de Polião na Dalmácia, no ano 39, Virgílio retrata, conforme informa Ettore Paratore (PARATORE, 1984: 381), a celebração apaixonada da pureza do campo, face às tentações perversas da vida na cidade.

Vale ressaltar que uma das características da vida bucólica é a paz e a tranqüilidade, encontradas no campo. Este é um lugar ameno (*locus amoenus*) que favorece uma visão calma da existência e da vida simples e sincera (idealização da vida campestre).

Subscrevemos uma passagem de Paratore (PARATORE, 1984: 382) que resume a presença do campo, nas *Bucólicas*:

“Na décima sátira, Horácio definiu a poesia das *Bucólicas* (e talvez, com ela, toda a essência

da poesia virgiliana) com a famosa expressão: <<... molle atque facetum Vergilio adnerunt gaudentes rure Camenae>> (= as Musas deram a Virgílio leveza e formosura, elas que se alegram com os campos).

E, na realidade, nas *Bucólicas*, o campo sorri sob todos os seus aspectos, sem que se deva estar a distinguir, com pedantismo, um aspecto bucólico (campo visto apenas como bela paisagem, por olhos docemente contemplativos, por corações sensíveis somente ao amor e à alegria do canto) e um aspecto geórgico (campo visto na fecundidade

dos seus dons, celebrado como local e fruto de trabalho duro e assíduo).”

A natureza de Virgílio reflete a vida tranqüila e feliz dos pastores, entretidos na exaltação do seus amores, das suas aventuras, das suas tarefas e dos seus deuses. O gosto pelo poema campestre, em Virgílio, deixa transparecer o apego que o romano tinha pela natureza. Pois seus ancestrais pertenciam a uma sociedade rural, como sabemos. Não nos esqueçamos de que ele possuiu informações sobre o campo, sobre as flores, em suma, sobre a natureza, não só porque a ascendência de sua família é rural, como também, por ter adquirido outros conhecimentos pelas múltiplas leituras que fez.

O pastor vive no campo, ao ar livre e é apaixonado pela natureza. Para Virgílio, as estações prediletas eram a primavera e o verão, pois transmitem alegria e vida em abundância. Nas *Bucólicas*, encontramos várias passagens que falam dos elementos da natureza:

Et nunc omnis ager, nunc omnis parturit arbos,
nunc frondent silvae, nunc formosissimus annus. (III, 56-7)

“E agora todo campo, agora toda árvore abrolha,
agora os bosques se cobrem de folhas, agora o ano está lindíssimo.”

A natureza era extremamente valorizada por Virgílio. O cenário que ele constrói é simples, havendo a presença de pinheiros, olmos, faias, (...).

A invocação à natureza também aparece como podemos ver nesta passagem que vem a seguir:

Partem aliquam, uenti, diuom referatis ad auris! (III, 73)

“Ó ventos, que vós leveis alguma parte aos ouvidos dos deuses!”

Não nos esqueçamos da presença da sombra. É comum encontrarmos pastores sob as árvores, descansando, conversando, tocando lira e sentindo o frescor das sombras:

Forte sub arguta consederat ilice Daphnis,
Compulerantque greges Corydon et Thyrsis in unum; (VII, 1-2)

“Casualmente, Dáfnis assentara-se sob uma sonora azinheira,
e Coridão e Tírsis reuniram os seus rebanhos num único lugar;”

Como vemos em alguns poemas de Virgílio, os últimos versos se referem ao pôr do sol: é a peroração. Isto acontece quando o discurso do pastor termina subitamente e a natureza começa a descansar na paz. Leiamos a passagem abaixo:

et iam summa procul uillarum culmina fumant,
maioresque cadunt altis de montibus umbrae. (I, 82-3)

“e já , ao longe, fumegam os mais elevados tetos das casas de campo e dos altos montes caem as sombras alongadas.”

Vale a pena citar uma passagem na qual Cecília Lopes de Albuquerque Araújo (ARAÚJO, 1995: 28) nos fala sobre a natureza e o *locus amoenus*:

“(…) em toda a poesia da Antigüidade, a natureza é habitada por divindades ou mortais. As ninfas vivem em sítios, onde os homens também gostam de estabelecer-se. O indispensável é a sombra, uma árvore, um bosque, uma fonte borbulhante, o frescor de um regato, a maciez da relva ou o refúgio de uma gruta.

Assim, dos poemas bucólicos, muitos exemplos podem ser tirados, pois neles a natureza constitui o *locus amoenus*. Fazem a descrição de um ambiente agradável, de um cenário pastoril, onde o poeta cita o nome de muitas espécies de flores, algumas árvores, frutos ou das divindades que nela habitam.”

É mister destacar um trecho de Virgílio, nas *Bucólicas*, que diz respeito ao ato do pastor Mopso escrever sobre os troncos das árvores. Para ele, era relevante deixar gravado seus poemas, seus pensamentos e até os seus amores:

Immo haec in uiridi nuper quae cortice fagi
carmina descripsi et modulans alterna notauī,
experiar: tu deinde iubeto certet Amyntas. (V, 13 -5)

“ Não tentarei estes versos que há pouco gravei
na verde casca de uma faia, escrevendo e cantando versos alternados
depois ordena tu que Amintas rivalize comigo.”

2. O Amor

Percebemos nas *Bucólicas*, os dois tipos de amor.

Concordamos com Cecília Lopes de Albuquerque Araújo (ARAÚJO, 1995: 23), quando ela afirma que amar é um dever, sobretudo, quando se é amado. Ela também diz que a reciprocidade no amor torna os homens felizes. Contudo, às vezes, este amor é um fardo, que se transforma num mal incurável, ou então curável somente pelo canto, como uma forma de desabafar os sentimentos negativos.

Vejamos cada uma das modalidades deste amor:.

a) O sujeito do amor heterossexual é o pastor dos animais que demonstra na sua fala subjetividade e paixão e tece elogios ao objeto dos galanteios, sua amada.

Na terceira bucólica, nos versos 64 e 65, encontramos uma passagem na qual o pastor Dametas dedica à Galatéia alguns versos.

Galatéia, no trecho anterior, é uma pastora e não a célebre ninfa. Vale lembrar que o ato de jogar uma maçã demonstrava um certo interesse dela no pastor, pois a maçã era consagrada à deusa do amor.

Na sétima *bucólica*, nos versos 57 e 69, Guillemin (GUILLEMIN, 1968, 40) destaca um outro trecho que diz respeito ao amor do pastor Tírsis por uma mulher.

Notamos, na passagem acima, que com o advento de Fílis, tudo de bom acontecerá: o bosque se tornará verdejante de novo e até Júpiter fornecerá a chuva necessária para a vida de todos os seres vivos.

Não nos esqueçamos, na oitava *bucólica*, daquela passagem belíssima do nascimento do amor, paixão que fere subitamente como a flecha do deus-menino, que também é motivo tratado por Virgílio e citado por Ruth Junqueira de Faria (FARIA, 1974: 87):

Saepibus in nostris paruam te roscida mala
(dux ego uester eram) uidi cum matre legentem;
alter ab undecimo tum me iam acceperat annus;
iam fragilis poteram a terra contingere ramos:
ut uidi, ut perii, ut me malus abstulit error!(VIII, 37-41)

“Em nossas sebes, vi-te parva, colhendo com tua mãe

maçãs úmidas de orvalho (era eu vosso guia);

um outro ano já então me tinha recebido depois do décimo primeiro;

eu já tinha podido alcançar do chão os ramos frágeis:

logo que eu te vi, logo me perdi, logo uma funesta loucura me tomou!”

Este trecho, ao qual nos referimos na página anterior, retrata o sortilégio do amor de que é vítima um jovem pastor. Vale lembrar o que João Pedro Mendes (MENDES, 1997: 285) nos diz sobre esses versos:

A repetição anafórica da conjunção *ut*, aliada ao emprego dos verbos no mesmo tempo e ao crescendo intensivo das palavras do verso, dá a nítida impressão de um amor turbulento e fatal que inesperadamente irrompeu no coração do apaixonado.

Na oitava *bucólica*, podemos afirmar que a amante consegue um desenlace feliz para o amor, no seguinte trecho:

Parcite, ab urbe uenit, iam parcite, carmina, Daphnis.(VIII, 109)

“Cessai, cessai, agora, encantamentos meus: Dáfnis chega da cidade.”

Na décima bucólica, Jaqueline Fabre-Serris diz que Cornélio Galo cede demais à paixão, ainda que Lícoris tenha seguido um outro homem. E qual seria o

remédio para o seu amor-paixão que poderia levá-lo à loucura, ao amor-furor: qui-çá, o canto possa constituir um remédio para esta paixão; ou se Gallo tivesse sido pastor, no campo, ele poderia encontrar a paz. Pois, o amante de Lícoris lamenta não ter sido pastor ou vindimador. Nesta situação, ele associa (SERRIS, 1996: 127-9) a paisagem familiar à poesia bucólica:

(...) *mecum inter salices lenta sub uite iaceret:*

(...) *Hic gelidi fontes, hic mollia prata, Lycori;* (Buc. X, v. 40-42)

“(…) comigo sob uma vide flexível deitar-se-ia entre os salgueiros:

(…) Aqui, existem frescas fontes, Lícoris, e tenros prados;”

O insanus amor duri Martis (“insano amor do cruel Marte”) atormenta o poeta que está separado de sua amada: *me sine sola* = só e sem mim. A paisagem descrita é longínqua:

Tu procul a patria (nec sit mihi credere tantum)

Alpinas, a, dura, niues et frigora Rheni

me sine sola uides. A, te ne frigora laedant!

A, tibi ne teneras glacies secet aspera plantas! (Buc. X, v.46-9)

“Longe da pátria, tu (que eu não tenha de acreditar em tão horrível acontecimento)

sem mim contemplas, ó cruel, sozinha, as neves alpinas

ou os frios do Reno. Ah! que esses frios não te firam!

ah! que não te corte as delicadas plantas dos pés o áspero gelo!”

Podemos perceber que a paisagem descrita, além de ser longínqua, é fria (*niues et frigora*) e hostil (*a te ne frigora laedant!*). A última tentativa de Galo para esquecer Lícoris foi procurar a caça, que se desenrola, como afirma Jaqueline Fabre-Serris (SERRIS, 1996: 130), nos lugares ariscos da Arcádia selvagem, evocados pelas seguintes palavras:

Interea mixtis lustrabo Maenala Nymphis,

aut acris uenabor apros; non me ulla uetabunt

frigora Parthenios canibus circundare saltus.

Iam mihi per rupes uideor lucosque sonantis ire; (X, 55-9)

“Entretanto, correrei o Mênalo, misturado às ninfas,

ou caçarei violentos javalis; nenhuns frios me impedirão

de cercar com os cães os bosques partênios.

Já me vejo a andar sobre as rochas e os sonoros bosques.”

Há a menção de animais perigosos (*acris apros*), do frio (*frigora*) e dos rochedos (*rupes*). Contudo, a sua última tentativa fracassa e diz:

Omnia uincit Amor: et nos cedamus Amori. (X, 69)

“O Amor vence todas as coisas: e que nós cedamos ao Amor.

Deste modo, podemos afirmar que o amor-furor, ou melhor, o amor-paixão, neste caso, leva-o à loucura, ao sofrimento e à aniquilação da pessoa. Enfim, a décima *bucólica* relata os amores sofridos de Galo, a sua renúncia à luta contra o amor e representa a despedida da obra, o adeus do poeta à poesia bucólica.

Annie Loupiac (LOUPIAC, 1993: 97) faz alusão à expressão *omnia uincit amor* da décima bucólica. Ela diz que Galo está decidido a ceder ao amor. Por outro lado, toda coletânea das *Bucólicas* dá o exemplo do contrário e propõe modelos de amor libertado das angústias da paixão. O *furor*, os sofrimentos vãos que caracterizam esse *indignus amor* (v. 10) são do domínio da elegia, como o salientam as advertências que os deuses Apolo, Silvano e Pã endereçam a Galo na décima bucólica. Jaqueline Fabre-Serris (SERRIS, 1996: 126) resume a décima bucólica da seguinte maneira: Virgílio coloca em cena um amante infeliz, Galo.

Gian Biagio Conte (CONTE, 1984: 13-42), em seu livro, *Il genere e i suoi confini*, opõe dois gêneros literários, patentes, na décima Bucólica: o bucólico e o elegíaco; e mostra a expressão, através desses gêneros, de duas concepções de vida diferentes.

André Bellessort (BELLESSORT, 1965: 49-50) faz referência à montanha do Mênalo na qual há a predominância da poesia e do amor. Ele diz que o Mênalo desfruta da harmoniosos bosques e sonoros pinheiros que cantam incessantemente. Sempre escuta os amores dos pastores. Depois, diz que Galo, na décima bucólica foi enganado por sua amada que fugiu com um formoso guerreiro. Galo vai buscar refúgio no Mênalo. Neste lugar, a natureza lhe era solidária, visto que os loureiros choravam com ele, bem como os pinheiros e até as rochas. Os pastores também saem ao seu encontro. Para Bellessort (BELLESSORT, 1965: 51), Cornélio Galo se configura como um triste enamorado que pediu à natureza e aos pastores a hospitalidade para a sua dolorosa solidão.

Jean Bayet (BAYET, s/d: 268) diz que a descrição e o realismo do amor paixão eram conhecidos pelos gregos e romanos, sendo que Virgílio os aprofundou.

Cecília Lopes de Albuquerque Araújo nos diz que por causa do amor e do canto dos pastores, os labores dos campos ficam inacabados, nada do que tem necessidade será feito a tempo, mostrando assim todas as inconseqüências ocasionadas pela paixão amorosa.

Para Guillemin (GUILLEMIN, 1968: 42-3), Galo chora por causa da infidelidade de Lícoris e o poeta o rodeia de toda a natureza arcádica para consolá-lo. Os homens e os deuses lhe dão conselho, até os animais são companheiros de Galo.

O amor não se preocupa com os pesares. O cruel Amor nunca se sacia das lágrimas, nem os pastos da água, nem as abelhas do cítiso, nem as cabras da folhagem.

Consoante Guillemín (GUILLEMIN, 1968: 65), na décima *bucólica*, Galo se propõe a chorar o seu amor na natureza: gravará na casca da árvore o nome de Lícoris, procurará esquecer-se de sua amada com uma existência dura. Seu pensamento o transporta às regiões mais longínquas, mais frias, mais áridas, únicas, apropriadas para curar seu mal. Deseja fazer-se pastor, ou vindimador ... mas, apesar de tentar se esquecer de tudo, Galo sabe que o amor triunfa, quando ele diz que o amor é sempre vencedor e que todos devem ceder-lhe.

b) Homossexual, como na segunda *bucólica*, na qual o pastor Córídon está apaixonado pelo jovem Aléxis, mas este não lhe pertence. Aléxis não dá ouvidos a Córídon, que lhe oferece tudo que possui; como o seu amor não é correspondido, deseja a morte. Vejamos o trecho inicial da *bucólica*, quando se configura a paixão de Córídon:

Formosum pastor Corydon ardebat Alexim,

delicias domini: nec quid speraret habebat.

Tantum inter densas, umbrosa cacumina, fagos

adsidue ueniebat; ibi haec incondita solus

montibus et siluis studio iactabat inani:

“O crudelis Alexi, nihil mea carmina curas?

nil nostri miserere? mori me denique coges. (II, 1-7)

“O pastor Córídon desejava ardentemente o formoso Aléxis,

volúpias do senhor, e não tinha o que esperava.

Apenas, assiduamente, chegava ao meio das densas faias, de cimos sombrios;

nesse lugar, sozinho, lançava estas palavras desordenadas às monta-

nhas e às florestas com inútil dedicação:

Ó cruel Aléxis, não te preocupas com os meus cantos?

não tens compaixão de nós? tu me levarás, enfim, a morrer”.

Como observou Jaqueline Fabre-Serris (SERRIS, 1996: 125), em seu artigo *Jeux de modèles dans L'alexandrinisme Romain: Les Hommages à Gallus dans la Bucolique X et L'Élegie I, 20 de Propertius et ses échos Ovidiens*, a segunda *bucólica* tem por protagonista um amante infeliz, Coridão, que canta seus sofrimentos amorosos em uma situação *bucólica*. O pastor chega ao ponto de perder a razão por causa do seu amor ao jovem rapaz, Aléxis:

A! Corydon, quae te dementia cepit?(II, 69) / “Ah! Coridão, que insensatez te atacou?”

Contudo, Coridão regressa às suas ocupações abandonadas, segundo Jaqueline, prometendo-se renunciar ao jovem Aléxis, que o desdenha:

A! Corydon, Corydon, quae te dementia cepit?

Semiputata tibi frondosa uitis in ulmo est.

Quin tu aliquid saltem potius, quorum indiget usus,
uiminibus mollique paras detexere iunco?

Inuenies alium, si te hic fastidit, Alexim. (II, 69-73)

“Ah, Coridão, Coridão, que insensatez te tomou?

Tu tens uma vide semipodada no frondoso olmeiro.

Por que antes não procuras ao menos tecer algum objeto, com vimes

e com junco flexível, dos quais o uso tem necessidade?

se este te desdenha, encontrarás um outro Aléxis.”

Segundo Annie Loupiac (LOUPIAC, 1993:97), na segunda *bucólica*, a loucura de Coridão apaixonado em vão por Aléxis é ironicamente fustigada: “se este te despreza, tu encontrarás um outro Aléxis.” (v. 73).

Portanto, percebemos que o pastor Coridão triunfa de suas paixões.

Ettore Paratore (PARATORE, 1984: 374) afirma que Virgílio se converteu à filosofia epicurista e esta condenava a poesia mestra das paixões. Virgílio também tinha em mente que a paixão amorosa provoca perversões e até o desejo de morte: O crudelis Alexi, nihil mea carmina curas?

Nil nostri miserere? mori me denique coges. (...) (II, 6 - 7)

“Ó cruel Aléxis, não te preocupas com os meus cantos?

não tens compaixão de nós? tu me levarás, enfim, a morrer.(...)”

Diz Brisson (BRISSESON, 1980: 92-3) que as censuras amorosas a um objeto infiel já faziam parte dos temas familiares de Catulo, como acontecia em seus poemas inspirados pelas peripécias de sua paixão por Lésbia. Os dolorosos monólogos de Coridão, na segunda *bucólica*, nos recordam claramente Catulo. Virgílio nos mostra que o amor não correspondido pode levar à desgraça. No caso da segunda *bucólica*, o poeta nos adverte, nos dois primeiros versos, que este amor de Coridão é absurdo e irracional, pois Aléxis pertence a outra pessoa.

Sabemos que essa temática do amor homossexual era bem aceita por todos e fazia parte dos gostos literários dos alexandrinismo.

Vale a pena ressaltar também, consoante Brisson, que a paixão amorosa escapa, essencialmente, ao controle da razão. Coridão, na segunda *bucólica*, está tão apaixonado por Aléxis que diz palavras sem nexos aos montes e bosques.

João Pedro Mendes (MENDES, 1997: 187) nos lembra de que os amores masculinos constituíam moda importada da Grécia. Outrossim, diz que se o escravo fosse o objeto desses amores, a sociedade romana não reprovava este ato. Essa sociedade não tinha em mente a noção de pecado que o cristianismo ensina. Vale ressaltar que em Virgílio se distingue não só a elevação, como também a delicadeza com que trata desse tipo de amores.

Bibliografia básica:

ARAÚJO, C. L. de A. *A Poesia Bucólica em Nemesiano*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

BAYET, Jean. *Littérature latine*. Paris: Armand Colin, 1965.

BELLESSERT, André. *Virgilio su obra y su tiempo*. Madrid: Editorial Tecnos, 1965.

BRANDÃO, J. de S. *Os Idílios de Teócrito e as Bucólicas de Virgílio*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1950.

BRISSON, Jean-Paul. *Virgile son temps et le nôtre*. Paris: François Maspero, 1980.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *Literatura Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

CARVALHO JÚNIOR, Antonio Augusto de. *A Expressão Poética Dialeto de Teócrito em As Siracusanas*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. UFRJ. 1990.

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Paris: Klincksieck, 1999.

CONTE, Gian. *Virgilio il genere e i suoi confini*. Milano: Garzanti Editore, 1984.

FARIA, Ruth J. de. *Aspectos Lexicais e Estilísticos do Bucolismo Vergiliano*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1974.

GUILLEMEN, A.M. *Virgilio poeta, artista, y pensador*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1968.

LECLERCQ, R. *Les principes de la poétique virgilienne*. Révue des études latines. Paris: Société d'Édition << Les Belles Lettres >>, 1994.

LESKY, Albin. *História de La Literatura Griega*. Versión española de José María Díaz Regañon y Beatriz Romero. Madrid: Editorial Gredos, S. A.

LOUPIAC, Annie. *Le Labor chez Virgile: Essai d'interprétation*. Révue des études latines. Paris: Société d'Édition << Les Belles Lettres >>, 1993.

MENDES, João Pedro. *Construção e Arte das Bucólicas de Virgílio*. Coimbra: Livraria Almedina, 1997.

PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Trad. de Manuel Losa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

PERRET, Jacques. *Virgile*. Bourges: "Ecrivains de Toujours" aux éditions du seuil, 1959.

SERRIS, Jacqueline Fabre. *Jeux de modèles dans l' Alexandrinisme romain: les hommages à Gallus dans la Bucolique X*. In: Revue des Études Latines. Paris: Société D'Édition "Les Belles Lettres", 1996.

O EROTISMO EMBUCHANAN

Francisco de Assis Florêncio - UERJ

Resumo:

O presente ensaio pretende analisar um poema de teor erótico, *In Leonoram*, de composição do célebre humanista escocês George Buchanan. Como já é notório, o Renascimento foi um grande celeiro de poetas que se dedicaram ao estudo, tradução e composição de textos em latim. Poetas como Horácio, Catulo, Virgílio e outros serviam de fonte de inspiração para os humanistas e estavam sempre presentes em seus textos. Nesta atmosfera, não seria de se estranhar que o poema sobre o qual vamos nos debruçar fosse composto segundo os ditames dos textos clássicos, bem como estivesse repleto de alusões e transcrições de autores latinos, sendo ouvidos, assim, através da pena do vate escocês, os ecos da camena clássica.

Palavras-chave: Buchanan, Renascimento, erotismo.

O poeta renascentista George Buchanan, considerado um dos maiores latinistas do século XVI, e por isso chamado por alguns contemporâneos seus de *Poetarum nostri saeculi facile princeps*, foi um eminente humanista escocês (1506-1582) que, em 1547, recebeu um convite para lecionar, juntamente com outros humanistas estrangeiros e portugueses, no Colégio das Artes, fundado em 1548 por D. João III e dirigido por André de Gouveia. Porém, cerca de um ano depois, ele e outros mestres bordaleses foram levados à inquisição em Lisboa, sob acusação de heresia e de suspeitos na fé. Mesmo após ter sido absolvido da acusação, Buchanan permaneceu recluso durante seis meses no mosteiro de São Bento, em Xabregas, onde veio a escrever uma grande parte daquela que seria considerada, não apenas no século XVI, mas até hoje, sua obra prima: *Psalmorum Davidis Paraphrasis Poetica*. Além desta obra, o solo português também lhe serviu de fonte de inspiração para a composição de cerca de 20 poemas elegíacos de teor erótico, que versam sobre duas prostitutas, Leonora e sua mãe Peiris, e onde se ouve constantemente os ecos de muitos autores clássicos. A fim de mostrar um pouco do *ingenium* deste poeta, escolhemos um poema que retrata bem o *modus vivendi* destas prostitutas que circulavam por Coimbra no tempo de Buchanan. Vamos a ele.

In Leonoram